

JUNTOS EM TERAPIA

LEONORA CORSINI

*Instituto Noos,
São Paulo/SP, Brasil*

Rober, P. (2023). *Juntos em terapia. Terapia de família como diálogo*. Tradução Leonora Corsini. São Paulo: Instituto Noos, 236 pp.

Acaba de ser lançada pela editora do Instituto Noos a edição brasileira do livro de Peter Rober *In therapy together. Family therapy as a dialogue* (Palgrave/Macmillan, 2017) e que tive o prazer de traduzir para o português do Brasil.

Conheci Peter Rober através de alguns artigos preciosos para nossa prática de atendimento a famílias e casais que já haviam sido publicados na revista *Nova Perspectiva Sistêmica*, a exemplo de *O “não” do cliente: o desafio de criar espaço dialógico para ambos os parceiros na terapia conjugal* (2013), e *A conversa interna do terapeuta na prática da terapia de família: lidando com as complexidades dos encontros terapêuticos com famílias* (2009), e vinha acompanhando com grande interesse o trabalho que ele desenvolve, já há alguns anos, no âmbito da Universidade de Leuven, Bélgica, atendendo e supervisionando equipes clínicas que prestam atendimento a pessoas refugiadas, sempre em sintonia com a vertente terapêutica colaborativo-dialógica (De Haene & Rober, 2017; 2016). Assim, recebi como um verdadeiro presente a oportunidade de estudar e discutir *Juntos em terapia*, ainda na versão em inglês, ao longo do curso *Introdução às Práticas Dialógicas em Saúde Mental* coordenado por Cecília Cruz Villares e oferecido pelo Instituto Noos entre 2018 e 2019.

Na equipe da clínica de família do Instituto Noos, inspiradas pela redefinição de Rober da terapia de família como um diálogo, um espaço dialógico que convida a falar das preocupações de cada integrante, mas também daquilo que une e conecta a todos como família e conecta os terapeutas com seus clientes, passamos a substituir a palavra “problema”, que geralmente aparece neste tipo de conversa inicial, por “preocupação”. E introduzimos, como parte do protocolo da nossa Porta de Entrada, o Questionário das Preocupações, que traduzimos para o português a partir dos apêndices do *Juntos em terapia*.

Já nas primeiras páginas do livro, o autor apresenta sua visão sobre o primeiro encontro com a família, o foco nas preocupações e a atenção às hesitações dos clientes. A partir de sua experiência, ele propõe deslocar, neste momento inicial, o foco da pessoa que tomou a iniciativa de procurar ajuda, que, em geral, é a pessoa que diz “sim” para estar em terapia, e sugere começar com quem está hesitante ou quem tem sentimentos ambivalentes com relação à terapia (muitas vezes dizendo “não” à terapia de forma bem explícita), conversando sobre temores e relutâncias em iniciar o processo terapêutico. Porém, isso não é algo que acontece de maneira linear ou maniqueísta: todos, mesmo aqueles que procuram e querem fazer terapia, têm seus momentos de hesitação, inclusive os próprios terapeutas.

Nomeando este processo como dialética do sim e não, Rober chama atenção para o fato de as hesitações não estarem necessariamente vinculadas a uma pessoa em particular, ou a características individuais. A hesitação seria, ao contrário, uma sensibilidade a um risco potencial.

Ao mesmo tempo que valoriza a rica tradição da terapia familiar, incluindo ferramentas como processos e equipes reflexivas, ou ideias como a importância do contexto social, Rober nos apresenta uma perspectiva um tanto incomum, como ele mesmo diz, sobre a terapia de família – e a terapia de um modo geral – especialmente por ir na contramão da concepção biomédica que tem sido dominante no atual contexto de crescente medicalização das práticas psicoterapêuticas, em que o “problema” que leva alguém a procurar ajuda na terapia ocupa um lugar central, não havendo distinção entre “pedir ajuda” e “ter um problema”. Em contrapartida, o livro de Rober se apoia em suposições acerca da natureza dos relacionamentos humanos que vão justamente tensionar e problematizar a visão tradicional do modelo problema-diagnóstico-tratamento.

A ideia também presente nas páginas de *Juntos em terapia* acerca da primazia das relações com outros em lugar de mentes individuais, além de beber na fonte das terapias sistêmicas e de inspiração socioconstrucionista, tem profundas raízes ético-filosóficas no trabalho de pensadores como Martin Buber, Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida e Mikhail Bakhtin, que conferem à alteridade um lugar central. E, como um desdobramento dessa postura, Rober reconceitua a terapia familiar como um diálogo entre pessoas vivas, tese central do livro, esclarecendo que diálogo, nesse sentido, refere-se principalmente à prática – algo que as pessoas fazem juntas – mais do que a algo abstrato. E o que significa pensar a terapia como um diálogo? Que desafios são lançados aos/às terapeutas que abraçam esta ideia?

Discorrendo de maneira bastante didática e com uma linguagem ao mesmo tempo simples e erudita, Rober fala dos desafios e das complexidades envolvidos no estar juntos e compartilhar incertezas, o não saber, sentimentos ambivalentes, hesitações, todos ingredientes presentes em “diálogos entre pessoas vivas”. Como o autor explica, as ações de um/uma terapeuta no contexto de uma sessão de terapia de família são sempre respostas relacionais que são, sobretudo, intuitivas e corporais e que, além disso, requerem captar a reciprocidade implicada nas relações humanas, a delicadeza da escuta (escutar, como ressalta, pode até parecer, mas não é algo óbvio) e a capacidade de compreender, de “sentir junto”, de “sentir com”.

Em razão dessas complexidades e desafios, a despeito de suas melhores intenções, terapeutas se equivocam e muitas vezes suas ações acabam respondendo apressadamente às ansiedades de algum ou alguns dos membros da família que estão mais preocupados e apresentam narrativas mais saturadas pelo problema, como diria Michael White. Esta seria uma maneira de conduzir a terapia que acabaria não contribuindo ou sendo útil à família. Por isso o convite à constante autoavaliação, à constante autocrítica, bem como a adotar uma posição de humildade (tomando emprestado o conceito de Winnicott da “mãe suficientemente boa”, Rober fala do “terapeuta suficientemente bom”).

Enfatizando a importância de estimular o *feedback* dos clientes, o autor desenvolveu, junto com colaboradores, instrumentos de avaliação especialmente desenhados para que, juntos, terapeutas e clientes, possam seguir na conversa da forma mais proveitosa possível. São instrumentos/questionários de avaliação que convidam ao diálogo, sendo, por esta razão nomeados Instrumentos Dialógicos de Avaliação.

UMA TERAPIA QUE DÁ ESPAÇO PARA AS CRIANÇAS

Segundo Rober, é muito comum que as crianças sintam não terem espaço para contar as *suas* histórias. Em geral, as histórias que as crianças trazem ficam restritas a concordar com a visão dos pais, ou resistir a ela. Se um terapeuta de família deseja escutar a história da própria criança, precisará ajudá-la a fazer isto. Precisarão principalmente abrir espaço para que a criança possa falar algo que vai contra a pressão que vem de pais ansiosos que, em geral, desejam ser ouvidos primeiro, e esta é outra rica contribuição para nossa prática. A sugestão que ele nos faz, neste caso, é pedir aos pais preocupados, sobretudo nos encontros iniciais, que adiem um pouco os relatos atravessados por problemas, convidando todos a falarem algo sobre si mesmos, algo que não esteja relacionado com as preocupações.

O método dialógico que visa explorar desenhos de crianças nas sessões pode ser outro importante recurso nesse sentido. A ideia é que os desenhos feitos espontaneamente em uma sessão de terapia de família de orientação pós-moderna possam igualmente ser um convite ao diálogo; no lugar de desvelarem conteúdos problemáticos ou patológicos prontos a serem interpretados pelo terapeuta especialista, os desenhos oferecem um espaço seguro para que os membros de uma família possam refletir conjuntamente sobre suas experiências. Desta forma, abrir espaço para que uma ou mais crianças desenhem na sessão é mais uma forma de encorajar conversas e narrativas próprias, abrindo espaço para tantas vozes quanto for possível e para o maior número de potenciais significados. No decorrer desse diálogo, o terapeuta provavelmente terá acesso a novas informações sobre a criança e sobre a família, muito embora obter essas informações não seja o seu objetivo primordial.

“LOVE IS IN THE AIR”

Esta frase aparece curiosamente como legenda de um desenho que traz uma figura parecida com um “Rambo” armado de revólver e espada. O desenho havia sido feito por um menino atendido por Frank, aluno supervisionado por Rober; Frank não sabia como entender o desenho, já que o menino falava de amor, ao mesmo tempo em que parecia estar fazendo alusão à violência e à guerra. Mas aqui pretendo fazer uma relação com outra suposição muito presente no trabalho de Rober, e que ele enfatiza ao longo do livro: a ideia de que o amor é a base de uma família. Parecendo fazer eco com o pensamento do filósofo Baruch Spinoza, ele diz que amar e ser amado, neste caso, é sentir que você pertence a alguém da mesma forma que esse alguém pertence a você. “Quando amamos algo ou alguém semelhante a nós mesmos, nos esforçamos ao máximo para fazer com que esse algo ou alguém também nos ame”, propõe Spinoza em sua *Ética* (1993).

No entanto, esta aposta no amor como a base de toda família não deve ser banalizada ou lida de maneira superficial. Como explica o autor nas páginas seguintes, as famílias se apresentam em muitas cores e tonalidades, e portam diferentes culturas. E em todas as culturas, assim como nas espécies animais mais evoluídas, a família, pelo menos uma mãe e uma criança, tendo ou não um pai, contando ou não com o suporte de uma família estendida – é o lugar onde as crianças se desenvolvem com o apoio dos pais e onde o amor (em qualquer forma que se apresente), em tese, sustenta os diferentes membros ao longo da vida, apesar das pressões, obstáculos

e desafios que possam enfrentar no caminho. A maioria das famílias tem o amor em sua origem; contudo, no momento em que uma família solicita a ajuda de um psicoterapeuta, o ressentimento, o medo e a decepção geralmente se tornam as forças dominantes que governam a vida cotidiana. A conclusão de Rober é que, se a terapia familiar começa com as preocupações e hesitações, ela termina quando os membros da família recuperam a esperança em poderem caminhar juntos novamente.

Uma terapia, qualquer que seja a abordagem, não visa encontrar a solução dos problemas; menos ainda, no caso da terapia familiar, almeja “consertar” famílias desajustadas ou disfuncionais. Ao contrário, sendo a terapia familiar um encontro fundamentalmente humano, o objetivo desta prática de atendimento é trazer esperança e confiança aos integrantes de uma família para que possam seguir com suas vidas sem a ajuda ou assistência de profissionais. Peter Rober nos convida a pensar que a suposição do amor como origem pode ser usada como uma lente para observar famílias, ajudando-nos, enquanto terapeutas, a nos conectar com cada um de seus membros de forma genuína e honesta, além de permitir identificar e apoiar os recursos já existentes na família, o sentimento de pertença e a esperança de um futuro melhor. Articulando essa visão com os ensinamentos de Spinoza, podemos dizer que a suposição do amor como origem das relações familiares estimula em nós a imaginação que amplia nossa capacidade de agir no sentido de uma relação de cuidado genuinamente ética.

REFERÊNCIAS

- De Haene, L. & Rober, P.** (2017) Hospitality in Family Therapy Practice: a further engagement with Jacques Derrida. *Australian & New Zealand Journal of Family Therapy*, 38, p. 378-390.
- De Haene, L. & Rober, P.** (2016) Looking for a Home: An exploration of Jacques Derrida's notion of hospitality in family therapy practice with refugees. In: Imelda McCarthy & Gail Simon (editors) *Systemic Therapy as Transformative Practice*. Farnhill, UK: Everything is Connected Press. Disponível para download em: <http://eicpress.com/statp.htm>
- Rober, P.** (2013) O “não” do cliente: o desafio de criar espaço dialógico para ambos os parceiros na terapia conjugal. *Nova Perspectiva Sistêmica* 22(47).
- Rober, P.** (2009) A conversa interna do terapeuta na prática da terapia de família: lidando com as complexidades dos encontros terapêuticos com famílias. *Nova Perspectiva Sistêmica* 18(35).
- Spinoza, B. Ethics.** (1993) Nova edição revisada, Rutland: Everyman.

LEONORA CORSINI

Psicóloga de formação, é mestre em Psicologia pela UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Serviço Social, também pela UFRJ. Fez estágio de pós doutorado no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT (2010 a 2011) e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação IBICT/UFRJ (2012 a 2016). Concluiu a formação em Terapia de Família no ITF - Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro em 2002. Associada efetiva e membro integrante da equipe clínica do Instituto Noos, tem experiência no atendimento a famílias, casais e indivíduos e na facilitação de conversas em grupo. Além da prática clínica, é docente e supervisora de terapeutas para o atendimento a famílias e casais e vem se dedicando, desde 2003, à pesquisa que conecta migrações, cidadania e direitos humanos. Seu interesse atual de pesquisa é a interface entre acolhimento e integração de migrantes, solicitantes de asilo e refugiados à prática clínica/saúde mental a partir de abordagens e práticas colaborativas-dialógicas.

<https://orcid.org/0000-0002-7192-0432>

Lattes Id: <http://lattes.cnpq.br/2320835399322168>

E-mail: corsinileonora@gmail.com